

Maré de resistência: caminhos da arte no combate à violência sistêmica na Baixada Santista

Maria Clara da Cruz Matos, Mariana Azevedo de Oliveira, William Wirthmann de Freitas, Luara Spinola (Orientadora).
Colégio Novo Tempo - Santos, SP

mariana.oliveira@sounovotempo.com.br e maria.matos@sounovotempo.com.br

Introdução

A pesquisa analisa a violência e a crescente complexidade das operações policiais na Baixada Santista, com destaque para as ações “Operação Escudo” e “Operação Verão” em 2024, marcadas por mortes e pela intensificação do sentimento de insegurança na população. Diante desse cenário, o estudo propõe refletir sobre o papel da arte como forma de resistência, denúncia e transformação social. A investigação parte da hipótese de que a arte — como expressa o rapper Emicida, “vem da nossa dor, mas também da nossa beleza” — é uma via para romper ciclos de exclusão, resgatar a dignidade e fortalecer a memória coletiva. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam que mais de 80% das vítimas da letalidade policial são negras e jovens. No contraponto, movimento artístico emerge como espaço de resistência e voz das periferias.

Objetivos

Ao propor a arte como “caminho da resistência e transformação no combate a violência sistêmica”, o grupo almeja, por meio do projeto, mostrar que o mundo artístico é uma alternativa que pode salvar as pessoas do mundo do crime e, principalmente, servir como manifestação de direitos e forma de luta contra o preconceito.

Material e métodos

Para a pesquisa, foi utilizado um conjunto de pesquisas quantitativas e qualitativas com pessoas que poderiam representar os grupos sociais referidos no tema (moradores da comunidade da Baixada Santista, policiais e artistas). Foi feita uma divisão no grupo para se aproximar de cada parte do projeto, mostrando o contexto geral, explicar o processo de gentrificação da Baixada e como a arte ganha força nesse meio.

A metodologia adotada combina análise documental, entrevistas e observação de campo em projetos culturais da região, como o “Tamborizando”, a Vila Criativa e atos artísticos de resistência. Foram entrevistados diferentes segmentos sociais, entre eles capitão policial, vereadora municipal e representantes de movimentos sociais - Mães de Maio, Trupe Olho da Rua, Instituto Querô e Cordão da Mentira. As falas revelam a tensão entre a repressão policial e as iniciativas culturais que buscam ressignificar a dor coletiva em expressão política e estética. Como produto final, o grupo produziu um curta metragem autoral, de caráter educativo, que visa estimular a consciência coletiva e ampliar o debate sobre a violência e o poder transformador da arte.

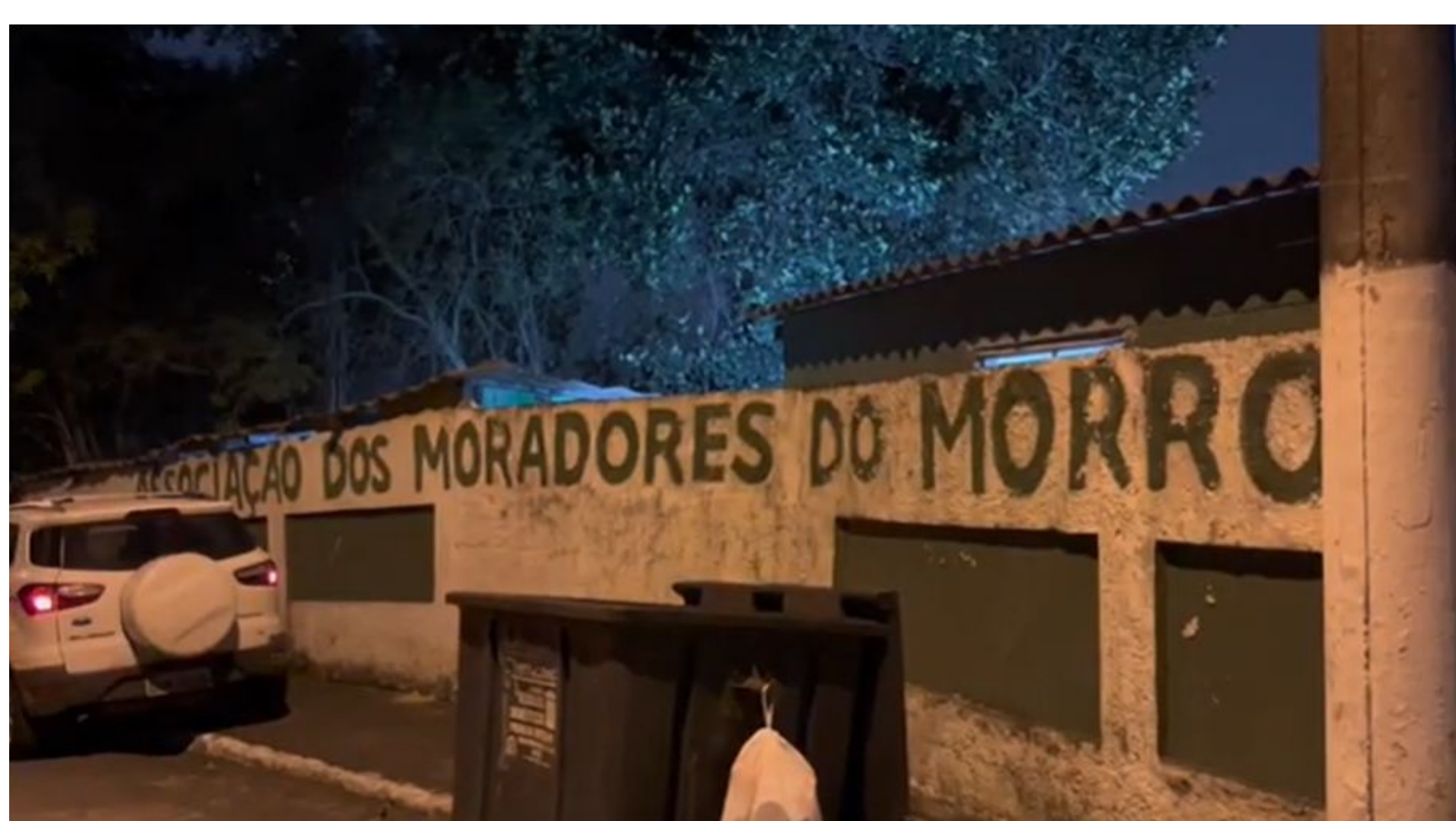


Fig. 1. Localização de uma das entrevistas do Tamborizando, no Morro do Ilhéu Alto, também conhecido como Morro do Tétu. Fonte: autoria própria, 2025

Resultados e Discussão

A arte de resistir: raízes do passado e o que o presente diz sobre elas:

Entre 2023 e 2024, a Baixada Santista foi alvo de numerosos casos de violência policial, resultado de um histórico de desigualdade social e da militarização herdada da ditadura de 1964. A região, marcada por extremos entre riqueza e pobreza, reflete um processo de gentrificação e segregação que remonta à marginalização da população negra após a abolição da escravidão.

Episódios como os Crimes de Maio, em 2006, e as operações Escudo e Verão, entre 2023 e 2024, evidenciam a continuidade de ações policiais violentas vistas como vingança e repressão contra a população periférica, revelando resquícios autoritários e um cenário persistente de abusos.

Silêncio na Rua, Voz na Arte:

A violência policial é consequência de uma segregação social estrutural existente desde o período pós-escravidão, quando negros e indígenas foram exterminados e marginalizados, sem direitos ou trabalho. Esse fenômeno atinge principalmente pessoas da periferia e está ligado à questão racial no Brasil. Na arte, especialmente na música, o tema é usado como resistência e denúncia, como mostram as falas de Henrique “Rato”, da Love Funk, e do professor Chavoso da USP na CPI dos Pancadões de 2025, que destacam a importância do funk para a sobrevivência econômica das favelas.

O hip-hop e o funk expressam a realidade da violência contra a população preta, como na letra de A.B.E.C.C.A “A Bala” que revelam a desconfiança e o medo vividos nas periferias. Artistas como Emicida, com “AmarElo”, mostram que a mudança vem da comunidade e da arte, que dá voz aos que nunca foram escutados.

Pesquisa de campo:

A entrevista com Felipe Torres Vieira, capitão da Polícia Militar e subcomandante do segundo batalhão de ações especiais da Baixada Santista, aconteceu presencialmente em Santos/SP. [Capitão Torres] “Afeta de maneira substancial, principalmente nesses locais com afastamento do Estado, sem infraestrutura necessária.” A entrevista com Thiago Mendonça, diretor de cinema e fundador do Cordão da Mentira, foi online e abordou violência de Estado e memória social. [Mendonça] “O Cordão da Mentira torna clara a ligação entre o passado ditatorial e a atual violência policial.”

Proposta:

A proposta consiste na produção de um documentário que mostra a realidade da arte como forma de resistência na Baixada Santista, destacando diferentes pontos de vista e vivências de quem transforma a cultura em ferramenta de luta social. O objetivo é educacional, buscando estimular a consciência coletiva sobre a importância da arte nas periferias. Foram visitados núcleos como o “Tamborizando”, com entrevistas ao professor Edson Adriano e seus alunos. O documentário já está disponível no Youtube.



Fig. 2. Cenas do Documentário “Caminhos da Resistência”. Fonte: autoria própria, 2025.

Conclusões

Ao final da pesquisa, foi possível concluir que os movimentos artísticos têm grande relação entre si na luta pela resistência. Em todas as entrevistas, assim que eram mencionados outros movimentos e pessoas, os entrevistados os reconheciam e contavam suas vivências na resistência com eles. Também foi percebido como a arte é um caminho que traz esperança na vida das comunidades e como elas precisam ter mais acesso aos recursos de cultura da cidade. A arte é um grande meio para comunicar e dar visibilidade aos movimentos sociais. A Baixada Santista é estratégica economicamente e criminalmente, tornando-se um território onde a violência policial se intensifica e acontece repetidamente.

Referências

1. AGÊNCIA BRASIL. Ditadura Militar: os atos institucionais e o endurecimento do regime. Rádioagência Nacional, 01 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/politica/audio/2024-04/ditadura-militar-os-atos-institucionais-e-o-endurecimento-do-regime>. Acesso em: 30 set. 2025.
2. CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. CPI dos Pancadões. Portal da Câmara Municipal de São Paulo. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/comissao/comissoes-parlamentares-de-inquerito-cpi/cpi-dos-pancadoes/>. Acesso em: 29 set. 2025.
3. CONECTAS. Operação Escudo Verão: um ano de violência e letalidade. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://conectas.org/noticias/operacao-escudo-verao-um-ano-de-violencia-e-letalidade/>. Acesso em: 30 set. 2025.
4. CUNHA, Mateus. Termos do Hip-hop: seus principais elementos e conceitos. Instituto Búzios, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://www.institutobuzios.org.br/termos-do-hip-hop-seus-principais-elementos-e-conceitos>. Acesso em: 29 set. 2025.
5. MOVIMENTO Mães de Maio. Vídeo de entrevistas. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iN7AtldLmZI>. Acesso em: 30 set. 2025.
6. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Órgãos de informação e repressão da ditadura. BrasilDoc. Disponível em: <https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/>. Acesso em: 30 set. 2025.